



centro de cultura social

boletim informativo do centro de cultura social, nº 20, 1º semestre/2005.

sede: rua inácio de araujo nº 191A, sobreloja, metrô bresser.

correspondências: caixa postal 2066, SP/SP, cep 01060-970

ccssp@uol.com.br, www.ccssp.hpg.com.br

Do Fórum a Feira

Tal qual carnaval, natal e vestibular os fóruns que ai estiveram no começo do ano já fazem parte do calendário anual dos interessados. O Fórum Econômico Mundial (FEM) de Davos embora tenha já algum tempo de existência só agora tornou-se referência anual para todo debate. Na sua cola, mais noviço, o Fórum Social Mundial (FSM) de Porto Alegre, esta se tornando também uma referência, embora tudo aponte, extemporânea.

Não discutiríamos aqui o encontro de Davos, isso que mais aparenta ser uma reunião de cavalheiros em uma instância menor que o G8 ou cúpula da UE, se não fosse o contraponto dado pelo não menos desimportante FSM. Justamente essa comparação é um dos poucos itens que realmente cabe debate.

Achando-se com muita moral graças aos resultados da Era Tatcher/Reagan e cheio de credenciais para tratorar e seguir adiante do que restou do implodido bloco soviético, os papados do norte geo-político geográfico se consideravam livres de barreiras para disseminar a democracia e a liberdade de mercado na terra arrasada que criaram ao sul de seus quintais. Criado há alguns anos em parrelha com os movimentos anti-globalização do final dos anos 90, o FSM veio munido de um respaldo dado pelo breque ao trator neo-liberal que esses movimentos ofereceram.

As manifestações de Seattle, Washington, Praga e outros fizeram esses senhores suspenderem o veraneio e tratarem o assunto com a delicadeza que lhe cabe. Após as tentativas infrutíferas de sustar os movimentos de rua e desacreditar o debate sobre os assuntos levantados, chegaram a conclusão que se não pode vencer o inimigo, faça com que ele se junte a você. A abertura, antes meramente simbólica, a convidados de países que não participavam do festim, tornou-se um chamariz à diplomacia e a tolerância, além da inclusão de personalidades carismáticas fora do âmbito econômico-político na tentativa de humanizar o evento. Com tal anteparo passou-se a bola da intolerância para aqueles que se recusam a dialogar nas raias da diplomacia.

Por outro lado o FSM tem se confirmado como o grande circo que sempre se propôs a ser, cada vez com menos participação de vertentes e personalidades que lhe davam uma feição mais séria, pluralista e descentralizada das primeiras edições; cada vez mais chapa-branca e burocrático, dotado de um orçamento milionário, dependente de uma organização profissionalizada e portanto estratificada. Saiu esse ano com a proposta de inverter, ao menos no campo das idéias, o papel de contraponto, outorgando ao FEM essa pecha. Isso em 2006, já distante de Porto Alegre, agora já sem a administração petista.

Afora os rebeldes-turistas, militantes profissionais de ong's e oficiais sindicalistas de sempre, cabe ver o que virá dos tantos indivíduos e grupos que todos os anos afluem para o fórum com a boa intenção de realmente entreverem-se com propostas sérias e até interessantes. Com a ida do Fórum para a África (ou quem sabe Ásia ou mesmo Europa), o esperado é que o FSM se firme realmente como uma



atividade oficial, dotado de muita boa-vontade mas indiscutivelmente de caráter legalista.

Ou quem sabe não. Livre da tulela de um governo madraço e até lá, já devidamente desiludido com as esperanças fast-food de Lulas, Chaves, Fidéis, Farcs de plantão; desdiga tudo o que foi dito acima e prove o contrário, dando vestígios de seriedade.

Não é bom nutrir esperanças tão ambiciosas, mas também não convém torcer contra. Afinal contra eles, já basta eles próprios.

P.S. Só para confirmar o paulatino esfacelamento das idéias que sempre rondaram o fórum Social Mundial temos as últimas notícias envolvendo o Grande Chefe e o alto clero. Após 25 anos de esperanças (para alguns), finalmente findou-se o mito do baluarte da ética e honestidade petista. Aquilo que vinha sendo inoculado gota a gota desde a posse da corte petista, foi administrado em *bolus* após quase 3 anos de governo. A série, ainda não totalmente acabada, de denúncias envolvendo o mandarinato governamental demonstrou pra o que veio o primeiro governo de esquerda do Brasil. Não é necessário usar de sensacionalismo para discorrer sobre o assunto. Os fatos já são sensacionais por si só. O governo petista, transformado em centro-direita -esquerda, utilizou-se de práticas já incorporadas como instrumentos normais de governabilidade no Estado brasileiro. Já os partidos típicos da direita, nada mudaram; continuaram sendo o balcão de negócios que sempre foram. A diferença hoje é que um governo tido anteriormente de esquerda, paga para partidos de direita aprovarem projetos que eles próprios teriam apresentados e aprovados gratuitamente em tempos passados. Que prevaleceria a incompetência gerencial e o modo autoritário de governar típico do PT, por meio de expurgos e medidas provisórias, não havia dúvidas. Mas quem seria capaz de apostar que o governo Lula transformaria o shopping center herdado de Fernando Henrique em um apoteótico final de feira?

NOTA

Comunicamos com pesar o falecimento de Aidar Vagner D'loca, ocorrido em 08 de Maio, aos 54 anos. Aidar é filho de Virgílio D'loca e Nair D'loca. Aidar, juntamente com o pai - um dos mais velhos militantes anarquistas em atividade -, a mãe e a irmã Dora participaram ativamente do movimento libertário na Nossa Chácara, nas décadas de 60 a 80.

PROGRAMAÇÃO

02/07/05 - Sábado - palestra, " Anarquia e Anarquismos" com José Maria Carvalho Ferreira (ISEG- Universidade Técnica de Lisboa) Uma exposição da atualidade do pensamento e movimento anarquista pelo companheiro colaborador da revista Utopia (Portugal)

16/07/05 - Sábado - palestra, : "Brás: canteiros da memória na modernidade de São Paulo" por Verônica Sales Pereira, doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Abordagem sobre o Brás, em São Paulo, antigo bairro operário da cidade e sede do CCS em diversas épocas.

Ciclo de Vídeos: Anarquismo Argentino

12/08/05 - Sábado- "Anarquistas" - 1a parte: "Hijos del Pueblo" - (Mar del Plata, 2003 - aprox. 90' - espanhol s/ legenda) - Documentário feito por companheiros da Biblioteca Popular Juventud Moderna que trata da história do Movimento Anarquista argentino, desde a chegada da imigração européia, no séc. XIX, até os sucedidos da Semana Trágica, em 1919.

19/08/05- Sábado - "Acratas" - (Montevideu, 2000 - aprox. 120' - espanhol s/ legenda) - Documentário sobre a atuação dos anarquistas expropriadores na região do Prata durante as décadas de 20 e 30. A saga desses lutadores sociais, recordando Simón Radowitsky, Miguel Arcangel Roscigna e outros libertários que desenvolveram parte de sua atuação em território uruguaio e argentino

26/08/05 - Sábado - "La Patagonia Rebelde" (Argentina, 1974 - aprox. 100' - espanhol s/ legenda) - Dirigido por Hector Olivera, documentário que trata das revoltas dos trabalhadores rurais anarquistas de princípios do séc. XX, na região da Patagônia, no sul da Argentina.

02/09/05 - Sábado - "El vindicador" (Argentina, 1991 - aprox. 45' - espanhol s/legenda) - Documentário dirigido por Oswaldo Bayer, conhecida como segunda parte de "La Patagonia Rebelde", baseado na vida do anarquista alemão Kurt Wilckens

Todos os eventos serão realizados às 16h
Rua Inácio de Araujo, 191a - metrô Bresser
Entrada franca

Nildo Avelino

impresso

Encontros anarquistas na Europa

Carrara, Itália

A anarquia se constrói no presente e nas relações cotidianas pelo empenho político de seus militantes: “*Nell'impegno politico d'oggi germoglia la proposta di società libertaria*” [“*No empenho político de hoje germina a proposta de sociedade libertária*”], esse foi o lema do 60o. Aniversário da Federação Anarquista Italiana (1945-2005) realizado no dia 15/05/05 em Carrara. O evento teve abertura com a exposição de Gigi di Lembo sobre o histórico da FAI e Massimo Varengo apresentou comunicação sobre relações internacionais, nessa ocasião foram ouvidos diversos companheiros de várias partes do mundo: intervíram delegados da Inglaterra,



França, Alemanha, Espanha e Bielorrússia, que já se encontravam em Carrara para a reunião da IFA (Internacional de Federações Anarquistas), realizada no dia anterior. Juntamente com uma companheira da Argentina, assisti a reunião como observador a convite dos companheiros italianos, dando informes sobre o anarquismo no Brasil (ver texto da página 03).

A IFA foi criada em 1968, quando as três federações existentes na Europa (francesa, italiana e ibérica) reunidas em uma conferência internacional em Carrara, decidiram internacionalizar a resistência anarquista ao capitalismo, tomando essa resistência mais eficaz e efetiva; portanto, seu principal objetivo é a construção e o fortalecimento de organizações anarquistas internacionais. Apesar de manter relações de solidariedade com a AIT (Associação Internacional de Trabalhadores), é preciso ter em conta a clara distinção entre ambas organizações: a IFA reivindica um anarquismo necessariamente pluralista onde as diversas tendências se associam através de um pacto federativo, mantendo cada uma a sua mais absoluta autonomia e sendo as decisões tomadas pelo critério da unanimidade. Essa característica de associar as diferenças preservando a autonomia é a principal força de propulsão do anarquismo e isso é visualizado na rica experiência organizativa desses companheiros. A IFA reúne as principais publicações anarquistas da atualidade: *Umanità Nova*, da FA italiana; *Le Monde Libertaire*, da FA francofona; *Tierra y Libertad*, da FA Ibérica; *Organise! e Resistance*, ambos da FA britânica e *El Libertario* da Federação Libertária Argentina.

Entre as conclusões importantes da reunião foi estabelecida a jornada de luta mundial contra a guerra e contra a militarização do cotidiano para o dia 18 de março de 2006. Ficam os companheiros brasileiros desde já convidados a engrossarem a luta antimilitarista, tão importante em nossos dias, conjungando-a num esforço internacional.

Rouen, França

Em Rouen, durante os dias 11 e 12 de junho, aconteceu o 62o. Congresso da Federação Anarquista francofona. Foram dois dias de intensa convivência libertária onde se pode compartilhar um pouco da experiência organizativa dos companheiros franceses: compartilhar suas forças e também fraquezas. O congresso foi aberto tendo presente os desacordos externados durante os últimos encontros e a necessidade de que o comportamento individual e as regras de funcionamento pautem-se sempre em postulados éticos e fraternos, de modo a evitar conflitos desagregadores. E o desenrolar do congresso pareceu mesmo estar atento a esses postulados. Um ponto de desacordo foi o recente referendun para a constituição europeia; ao contrário do que aconteceu nas eleições de 2002 entre Chirac-Le Pen do qual a Federação decidiu pelo voto nulo, no recente referendun não houve um consenso: uma parte dos companheiros foram favoráveis ao “não” como estratégia de enfraquecimento dos Estados na Europa e não entenderam o referendun como forma de participação na política; outra parte defendia o boicote e entendeu o referendun como uma forma de justificação do capitalismo.

Um outro aspecto significativo do debate sobre análise política e social foi certamente aquele de que tratou sobre o que os anarquistas franceses chamam de “*décroissance*”



[decrecimento], termo que tem dado atualmente uma direção comum às suas atividades e que tem feito com que os anarquistas franceses busquem a articulação entre a *décroissance* e as lutas sociais e com outros modos de organização e de consumação social. Mas o que é a *décroissance*? Eles dizem: “Após 50 anos ininterruptos de crescimento econômico praticados pelo capitalismo, o resultado é claro. As desigualdades entre ricos e pobres nunca foram maiores. A demanda à inovação permanente não faz mais que reforçar a alienação dos seres humanos e o impacto ecológico por uma produção desenfreada que atinge a biosfera na sua própria capacidade de se regenerar. A questão fundamental é, portanto, colocado do seguinte modo: Nós não devemos cessar de crescer? [...] Além do anti-capitalismo que acompanha necessariamente a *décroissance* ela nos obriga a reconsiderar alguns temas: o papel da ciência, da técnica, a ideologia do progresso, etc. [...] Enfim, o tema da *décroissance* conduz nossa reflexão para a natureza do capitalismo, das condições de produção e de consumo na sociedade industrial, o papel do poder, nossa relação com a natureza, o impacto ecológico, etc” (Le Monde Libertaire, 9-15/jun/2005, n. 1402, p. 12). A *décroissance*, ao objetar-se ao modelo de crescimento do capitalismo, aponta finalmente para a construção de uma sociedade necessariamente autogerida, o que também implica que os anarquistas são hoje *objetores de crescimento*.

Notas e reflexões sobre o anarquismo no Brasil

Surgimento do anarquismo no Brasil

O anarquismo brasileiro surge nas últimas décadas do séc. XIX com o fluxo imigratório e as primeiras notícias da presença anarquista no Brasil são feitas pelo jornal *Correio Paulistano* em 1893 denunciando a chegada de “indivíduos perigosos”, é nessa época que surgem os primeiros jornais e se formam as primeiras uniões e associações, tendo a presença de militantes como Luigi Damiani e Alessandro Cerchiai.

As condições do operário eram de semi-escravidão: salários baixos, jornada de 14 ou 16 horas, maus tratos, enfim, uma realidade que ainda manteve muitas das características da recente escravidão. Essas condições aceleraram a criação das ligas operárias e em 1905 foi fundada a FOSP (Federação Operária de São Paulo), e a COB (Confederação Operária Brasileira) surge em 1906.

A greve de 1917 e a repressão

O ano de 1917 é um dos mais importantes marcos na história das lutas operárias brasileiras. Os protestos contra a carestia de vida resultaram numa greve geral que mobilizou cerca de 100.000 operários apenas na capital do Estado. Entre os inúmeros confrontos com a polícia um jovem operário é morto e o seu enterro foi ocasião de uma onda de novos confrontos e saques que se estenderam por toda cidade.

O fim da greve é marcado pela prisão sistemática dos chamados líderes do movimento: as organizações operárias são fechadas e os jornais seqüestrados, o governo faz uso da lei de deportação: 205 estrangeiros foram deportados entre os anos de 1917-1921. Começa um processo de criminalização do anarquismo. Em 1921 o governo cria a Lei de Repressão ao Anarquismo e em 1927 o então presidente Washington Luís promulga a Lei Celerada, que permitia reprimir atividades políticas e sindicais; anos mais tarde, em 1935, é aprovada a Lei de Segurança Nacional.

Controle oficial dos sindicatos e o consentimento comunista

Ao mesmo tempo o governo buscava o controle dos sindicatos criando, no ano de 1923, a Confederação Sindicalista e o Conselho Nacional do Trabalho. Essas intervenções governamentais não encontraram resistência entre os comunistas, ao contrário, com a fundação do PCB em 1922, os comunistas passaram a defender a organização centralizada e disciplinada dos sindicatos, o caminho único dirigido pelo partido, a delegação de poderes e a legislação trabalhista como meio de luta. Para concorrer com os anarquistas, os comunistas fundaram a CGT (Confederação Geral do Trabalho) que se opunha à COB.

Golpe de Estado de 1930

Mas foi o golpe de Estado de 1930 que tornou a utopia comunista da unidade sindical uma realidade. Com o Golpe foi fundado o Ministério do Trabalho e decretada a Lei de Sindicalização que instituiu o sindicato único nas mesmas modalidades da *Carta del Lavoro* formulada por Mussolini. Com isso, o Ministério do Trabalho intervia e controlava a vida financeira e política dos sindicatos. E ainda assim, o PCB durante a sua Conferência Sindical realizada em 1931 aprovava a tese da atuação nos sindicatos existentes, sendo eles oficiais ou não.

Essa ingerência do Estado provocou um re-direcionamento da militância anarquista, cuja atuação não se dará mais nos sindicatos, mas nos chamados grupos de Ação e Cultura Proletária: pequenas associações que foram

fundadas em virtude dos limites impostos à luta sindical. Ocorre um deslocamento na estratégia anárquica que leva das organizações de massas para organizações mais específicas, desse processo resulta a fundação do Centro de Cultura Social de São Paulo, em 1933. O Centro tem um papel importante para o movimento anarquista paulistano ao lado da Federação Operária e do jornal *A Plebe*, sobretudo no apoio as lutas antifascistas.

Em 1935 o governo decreta estado de sítio e no ano seguinte é aprovado estado de guerra que dura até 1937 quando um outro golpe fecha o congresso, silencia a oposição e institui o que ficou conhecido como “Estado Novo”.

Esse Estado Novo o que é? Grosso modo, o Estado Novo consolidou um novo tipo de poder que buscava garantir a ordem pública através da promoção do “bem-estar” dos indivíduos, ele foi a versão brasileira do New Deal americano. O Estado Novo criou esse novo “sujeito de direito” que se tornou conhecido pelo nome de trabalhador, ele foi uma estratégia de poder que procurou manter o indivíduo preso a essa nova individualidade de trabalhador, individualidade que estava identificada pela Carteira Profissional, que estava integrada ao sindicato oficial e que deveria tomar-se, daqui em diante, partner e cooperador, da indústria normalizada pelo Ministério do Trabalho.

Retomada do anarquismo no final dos anos 1940

Após dez anos de reação governamental o anarquismo é retomado no final dos 1940. O jornal *A Plebe* é retomado em 1947 juntamente com a re-fundação do Centro de Cultura Social. No Rio de Janeiro o anarquista português Edgar Rodrigues, perseguido pela ditadura de Salazar, chega em 1951; passa a colaborar com o jornal Ação Direta dirigido pelo velho militante José Oiticica e também ajuda a fundar a Editora Mundo Livre. Em São Paulo *A Plebe* cessa sua publicação no ano de 1951 e é substituído pelo jornal *O Libertário* dirigido por Pedro Catallo. Mas o breve *intermezzo* democrático termina com a promulgação em 1964 do Ato Constitucional n.1 que transferiu para os militares o poder político. Nesse novo contexto, o jornal *O Libertário* é sucedido, a partir de 1965, pelo jornal *Dealbar*, nome menos evidente aos olhos, sobretudo aos cérebros, dos censores.

Em seguida iniciam-se as atividades dramaturgas do “Laboratório de Ensaio”, fundado em 1966 pelo Centro de Cultura Social e dirigido pelos irmãos Cuberos. O Laboratório foi a principal resistência anarquista contra a ditadura militar representando com casa cheia uma peça intitulada “Os Generais”, drama que tentava sem sucesso fazer de um general um ser humano. Entretanto um outro AI, de nº 5, foi promulgado em dezembro de 1968, que suspendeu o *habeas corpus* e estabeleceu a censura prévia.

Crise da governabilidade militar

O esgotamento da governabilidade militar dá os primeiros sinais no final da 1970. E é nessa época, em outubro de 1977, que um grupo de jovens estudantes da Universidade Federal da Bahia lançou o primeiro número do jornal *O Inimigo do Rei*, jornal que foi marcado por um anarquismo visivelmente atravessado pela irrupção das liberdades sufocadas e pelo colorido dos anos 1960. Anos mais tarde, em 1985 ocorre a chamada “reabertura democrática” e os anarquistas em São Paulo retomam o antigo Centro de Cultura Social. Começa uma intensa atividade de propaganda e de criação de grupos e coletivos em São Paulo e no Rio de Janeiro. Apesar do silêncio imposto pela ditadura militar o anarquismo encontrou uma calorosa repercussão entre um grande número de jovens.